

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes - idA
Departamento de Artes Visuais - VIS



Thiago Dias de Moraes

Reflexões sobre o desenho de criação

Brasília - DF
2018

THIAGO DIAS DE MORAES

Reflexões sobre o desenho de criação

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Artes Plásticas do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília – UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel.
Orientador: Profa. Dra. Cinara Barbosa

Brasília - DF

Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Artes (IdA)
Bacharelado em Artes Visuais

Banca examinadora composta por: Prof. Dr. Cinara Barbosa de Sousa (Orientador)
Profa. M^a. Andrea Campos de Sá
Profa. Dra. Teresa Cristina Jardim de Santa Cruz Oliveira

MORAES, Thiago Dias de.

Reflexões sobre o desenho de criação

Monografia (Bacharel em Artes Visuais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

Orientador: Prof. Cinara Barbosa de Sousa

Endereço: Universidade de Brasília. Campus Universitário Darcy Ribeiro – Asa Norte.
Brasília – DF – Brasil. CEP 70910-900. Site: .

Thiago Dias de Moraes

Reflexões sobre o desenho de criação

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Artes Plásticas do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília – UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel.
Orientador: Prof. Dra. Cinara Barbosa de Sousa

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Cinara Barbosa de Sousa (Orientadora)

Profa. M^a. Andrea Campos de Sá

Profa. Dra. Teresa Cristina Jardim de Santa Cruz Oliveira

Brasília - DF, 12 de junho de 2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer ao Ser superior que rege toda a vida. A cada dia venho gostando mais de estar presente neste planeta repleto de encantos e ensinamentos. A minha existência é fruto da sua bondade e por isso eu sou grato. Numa hierarquia inferior, porém não menos importante, agradeço aos meus pais biológicos pela minha criação e preparação para a vida. Desejo continuar sendo fruto da alegria dos meus pais pela conquista de novos títulos e pelo alcance da prosperidade na vida. Também agradeço à tão respeitada Universidade de Brasília por todo o suporte prestado à minha formação. Levarei comigo até onde for possível o meu sentimento de gratidão de ter feito parte desta gloriosa universidade. Aos amigos, os meus sinceros agradecimentos pelo apoio nos momentos de dificuldades e desânimo. Com eles cresço, aprendo, desenvolvo.

RESUMO

O presente trabalho é resultado da minha reflexão sobre o percurso de experimentações com o desenho que realizei nas disciplinas de desenho 1, 2 e 3 e também em ateliê 1 e 2, cursadas durante a graduação. Ressalto que o processo está direcionado ao exercício do desenho como instrumento de auto descoberta e ordenamento das minhas idéias. O objetivo é apresentar como se deu a minha relação com esta atividade, ressignificada com o meu desenvolvimento ao longo do curso de artes plásticas. Nessa narrativa, investiguei as possibilidades do desenho associado a perspectiva de representação de meu estado de interiorização, vinculado a sentimentos e emoções considerados como reflexos de energia vital que nutrem o corpo. Com isso apresento o trabalho prático de pesquisa em desenho como possibilidade associativa da linguagem do desenho como ideia da essência representativa de processos de auto descoberta.

Palavras Chaves: Desenho. corpo. Poética. Criação.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	6
LISTA DE FIGURAS.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 - O começo.....	10
CAPÍTULO 2 - Referencial artístico.....	18
CAPÍTULO 3 - Produção Prática.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - O campo explorado.....	10
FIGURA 2 - O herói Tarja Preta.....	11
FIGURA 3 - Entreformas.....	12
FIGURA 4 - Modelos.....	14
FIGURA 5 - Campo Aberto 1.....	15
FIGURA 6 - Campo Aberto 2.....	16
FIGURA 7 - Barreira.....	16
FIGURA 8 - Fontes.....	17
FIGURA 9 - Lever de lune aux Fantômes.....	18
FIGURA 10 - L'Hourloupe.....	19
FIGURA 11 - Star, Flower, Personage and Stone.....	20
FIGURA 12 - Etre Cible Nous Mond.....	21
FIGURA 13 - La ricompense du dévin.....	22
FIGURA 14 - As musas Inquietantes.....	23
FIGURA 15 - Exercício de desenho 1.....	24
FIGURA 16 - Exercício de desenho 2.....	25
FIGURA 17 - Coisa imaginada 1.....	26
FIGURA 18 - Coisa imaginada 2.....	26
FIGURA 19 - Coisa imaginada 3.....	27
FIGURA 20 - Coisa imaginada 4.....	27
FIGURA 21 - Coisa imaginada 5.....	28

INTRODUÇÃO

O desenho, dentre as várias perspectivas de abordagens, pode ser analisado sob o ponto de vista de um processo criativo. Considerado uma anotação visual, ele apresenta um grande potencial expressivo ao mesmo tempo reflexivo sobre os estágios de desenvolvimento humano pessoal a partir de certa introspecção possibilitada por seu exercício.

Sob o ponto de vista das artes visuais, os desenhos de criação podem ser compreendidos como registros de experimentação, hipóteses visuais que vão sendo levantadas e testadas, deixando transparecer a natureza indutiva da criação. Nessa investigação, desenvolvida nos esboços, podem se apresentar diferentes momentos da arte, à medida que aquilo que revela-se na busca do artista por experimentação está imerso num determinado tempo e espaço no qual ele vive.

Deve-se ressaltar também a relação do desenho, em muitos casos, com a coleta que o artista faz do mundo à sua volta. Por exemplo, pode-se pensar em como um artista se coloca física e psicologicamente em relação às coisas que o cercam. Sobre a ótica do desenho de criação, o presente trabalho foi pautado na minha experiência, adquirida ao longo da graduação, em que pude exercer o desenho de diversas formas. Uma delas foi a incursão por uma forma livre e espontânea em busca de explorar o meu imaginário.

No capítulo 1 apresento a origem da minha relação com o desenho. Denominado “O começo”, este capítulo trata dos meus primeiros incentivos a tal prática, que se compõem tanto pelo apoio familiar como pelo contato com as revistas em quadrinhos. Ao ingressar no curso de artes plásticas, ampliei a minha compreensão do que é desenho pelo estudo das teorias da arte, formuladas por autores como Cecília Almeida Salles, Gilda de Mello e Souza, Arnaldo Battaglini, dentre outros que concebem o desenho sob um olhar experimental, como um recurso um recurso de navegação sobre o mar do imaginário.

O capítulo 2 é composto pelo meu referencial artístico. Aqui, apresento um breve registro sobre algumas obras de Jean Dubuffet, Roberto Matta e Giorgio de

Chirico, sobretudo no que diz respeito à pintura metafísica, artistas que, ou inspiram o meu processo criativo, ou estimulam reflexões. Também descrevo uma obra de cada artista para compreender o modo de pensar que utilizaram para conceber os trabalhos. Neste sentido, busco adquirir parâmetros, estímulos e desafios de problematização para desenvolver o meu trabalho prático, numa tentativa de dialogar com a tradição e mirar a prática na contemporaneidade.

Por fim, o capítulo 3 é a descrição de como se deu o processo de concepção e criação da minha produção artística. Neste capítulo abordo o desenho de maneira prática, detalhando os procedimentos e as referências utilizadas para obter o resultado final do trabalho e execução no campo expositivo.

Capítulo 1 - O começo

Considero o exercício do desenho uma ferramenta de aprendizagem que auxilia no desenvolvimento da minha inteligência e da minha capacidade de expressão visual. Atualmente, emprego o desenho para registrar ideias e sentimentos advindos da minha subjetividade. Desse modo, desenhar torna-se um instrumento de prospecção do potencial criativo que existe dentro de mim, pautado pelos meus interesses e motivações. A imagem a seguir é uma representação do terreno imaginário pelo qual percorri para dar vazão ao presente trabalho.



Figura 1 - O campo explorado. Técnica - Tinta acrílica sobre tela.

Thiago Dias

O percurso para se chegar na imagem anterior tem origem na minha infância, onde tive o primeiro contato com a técnica do desenho. O meu pai, Pedro

Dias, foi quem primeiro me incentivou à tal prática. Nos momentos de convívio com ele, me ensinou a desenhar alguns objetos como carros e motos. Também aprendi observando ele desenhar projetos ligados ao seu ofício de serralheria possibilitando um certo interesse por um mundo maquínico de representação.

Conforme fui crescendo tive contato com as revistas em quadrinhos, uma fonte de entretenimento, onde pude ampliar a minha imaginação quanto às formas e expressões. Assim, comecei a copiar as personagens das revistas, tendo o primeiro referencial de representação do corpo humano. Desse modo, aprendi alguns modelos de desenho do corpo que me ajudaram a construir de memória os meus próprios heróis. A imagem a seguir ilustra o modo como concebia o corpo, instrumentalizado pelas HQs.

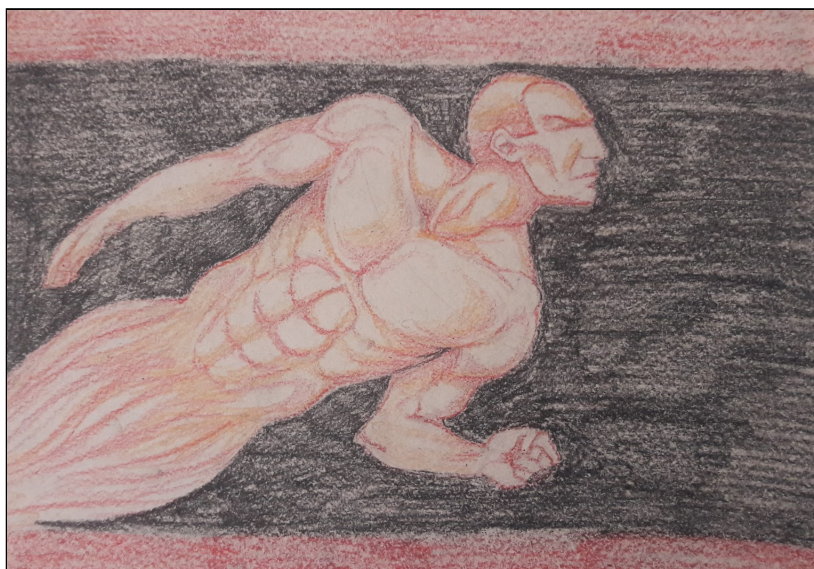


Figura 2 - Herói tarja preta. Técnica - Lápis de cor sobre papel
Thiago Dias

Durante a minha infância o lápis e o papel constituíram os instrumentos que mais utilizei para desenhar. Desse modo, criei um vínculo com esses materiais à ponto de utilizá-los até hoje no meu fazer artístico.

Desde então, o meu foco de exercício do desenho se baseia na manipulação das linhas, de modo que gosto de explorá-las para compor imagens. Na infância fiz

muitos esboços pensando em fortalecer o meu pulso a fim de dominar a linha. Isso acarretou num abandono do uso de borracha, pois dificilmente errava um traçado e quando errava simplesmente jogava fora o desenho feito e partia para outra folha. Com isso, desenvolvi um desenho limpo e livre de rebarbas e borrões, sendo isso uma característica do meu trabalho.



Figura 3 - Entre formas. Técnica - Caneta esferográfica sobre papel
Thiago Dias

Com o passar do tempo, o meu interesse pelo desenho foi aumentando a cada dia, o que motivou os meus esforços para ingressar no curso de Artes Plásticas da UnB. Entrei nesse campo condicionado pelo desenho ilustrativo e pouco conhecia a dimensão do estudo da arte.

O campo das artes me concedeu a oportunidade de desenhar livre das réguas e esquadros. A fuga das normas conduziu os meus esforços para exercitar o desenho sem a pretensão de finalizá-lo, mas apenas de utilizá-lo como um recurso de acesso aos meus pensamentos e sentimentos. Assim, desenhar se tornou o objeto do meu estudo. Nesse contexto, a teoria da pré-história foi o primeiro conteúdo da graduação que ampliou a minha concepção sobre o que é o desenho.

Na pré-história da arte fica evidente o poder das imagens na crença dos homens. Para exemplificar, grutas do Paleolítico superior serviram de abrigo para rituais de magia, onde caçadores desenharam sobre as paredes com o objetivo de alcançarem a suas presas. Esses homens retrataram sobre as paredes imagens de bisões, mamutes, renas, acreditando no poder da imagem de conectar à realidade do animal selvagem, de modo a dominá-lo pela imaginação. (GOMBRICH, p. 42, 2011)

Intrigado pela relação imagem-realidade presente entre o imaginário primitivo, busquei em Francis Wolff uma definição do que é imagem, a fim de esclarecer tal relação. Assim, segundo Wolff

“À primeira vista, uma imagem são formas, cores. Poderíamos descrever uma imagem da seguinte maneira: são círculos, quadrados, linhas, pontos, amarelos, vermelhos. Mas, justamente, não descrevemos aí uma imagem, mas somente seu suporte material. A imagem começa a partir do momento em que não vemos mais aquilo que imediatamente é dado no suporte material, mas outra coisa e que não é dada por esse suporte”. (WOLFF, 2005, p.20)

Gilda de Mello e Souza, trata do desenho primitivo afirmando que “representar uma caçada é criar por meio de traços os limites de uma visão”. (SOUZA, 1980, p.53) Isso significa que a representação feita pelos caçadores pré-históricos tem o sentido de tornar presente aquilo que está ausente, de modo que a experiência vivida por eles pudesse ser transformada numa definição intelectual através do desenho.

A decodificação de imagens é um atributo da linguagem humana. Uma imagem passa a ter significado à medida que é decifrada os seus elementos formadores. Ainda assim, Joseph Beuys considera que o desenho mágico ritualístico “é um meio de acesso a estados nos quais o invisível poderia torna-se visível.” (BATTAGLINI, 2007, P. 111) Sobre o poder do desenho de presentificar o imaginário que a minha curiosidade despertou, levando-me a questionar sobre até que ponto posso ir através dessa ferramenta de expressão.

Nesse contexto, Cecília Almeida Salles afirma que o desenho é um processo de experimentação na qual as avaliações do artista estão implícitas.

Segundo a autora, ao produzir possíveis obras pelo desenho, o artista pode concluir que ainda não alcançou o que buscava, o que acarreta na necessidade de novas buscas que abrem a oportunidade de se fazer novas descobertas. (SALLES, 2007, p. 37) No decorrer da graduação tive acesso ao desenho de modelo vivo, uma modalidade de estudo que preza pela representação do corpo humano em seu estado natural. A seguir apresento 2 imagens resultantes de tal exercício.



Figura 4 - Modelos. Técnica - Lápis sobre papel.
Thiago Dias

Conforme Arnaldo Battaglini, “o desenho habita a fronteira entre a ideia e a realidade” sendo uma “imagem ou emoção construída por sinais gráficos, materializando noções de formas, peso, direção, luz e localização no espaço.” (2007, p. 111) A prática do desenho de modelo vivo flexibilizou o meu olhar à

medida que pude captar a imagem do corpo real. Porém, o meu foco de interesse não é a representação fidedigna do corpo, e sim a tentativa de incursões de valorização imaginativa e na concepção de investigação do fazer criativo.

Cecília Almeida Salles descreve o desenho de criação como uma espécie de anotação visual. Sob o ponto de vista do estudo do processo criativo, a autora afirma que tais representações gráficas “se mostram com um meio possível de o artista armazenar reflexões, dúvidas, problemas, ou possíveis soluções.” (2007, p.35) Nessa ótica, pratiquei o desenho a fim de investigar o meu interior, observando as minhas emoções para refletir sobre elas. A seguir apresento três imagens que resultam da minha relação com o desenho numa perspectiva de introspecção.



Figura 5 - Campo aberto 1
Lápis sobre papel
Thiago Dias

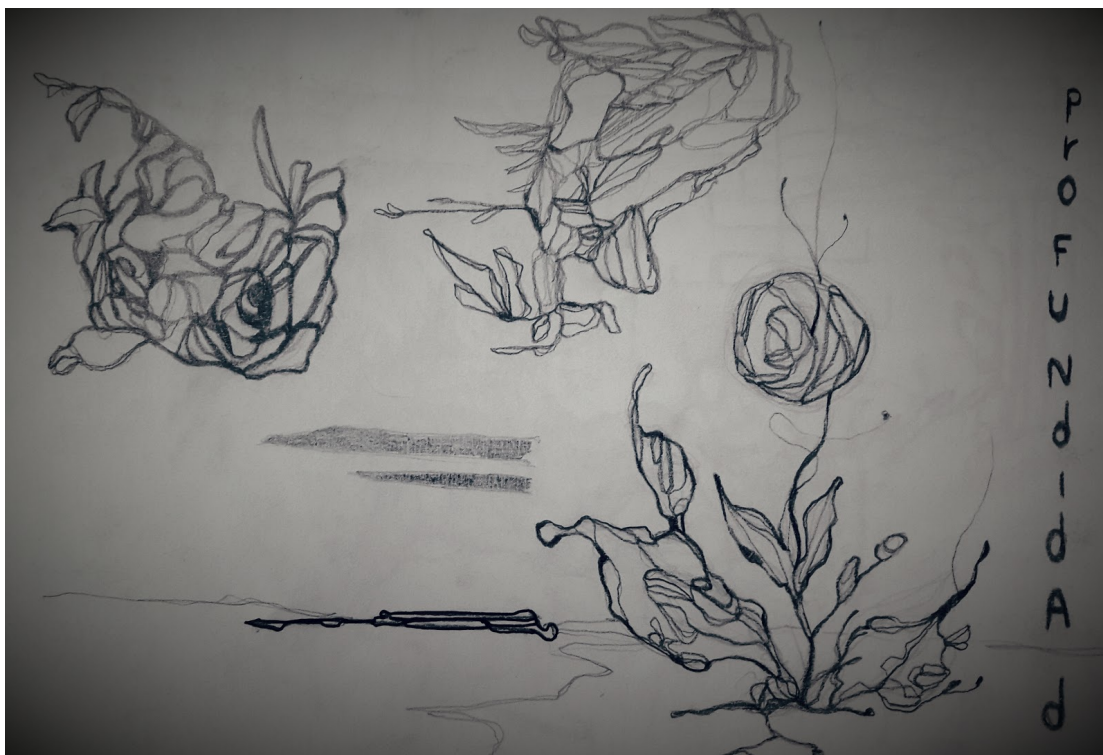


Figura 6 - Campo aberto 2
Técnica - Tinta acrílica sobre tela.
Thiago Dias



Figura 7 - Barreira
Lápis sobre papel
Thiago Dias

Conforme Salles (idem), o desenho reflexivo não está limitado apenas a uma imagem figurativa, abarcando outras formas de representação, como um diagrama, uma concepção visual ou um pensamento. Assim, tal modalidade “não é um mapa do que foi encontrado, mas um mapa confeccionado para encontrar alguma coisa.” (2007, p.35) Com o desenho reflexivo pude acessar pensamentos, sentimentos e emoções mais profundas. Desenhando pude captar efêmeros instantes do meu estado de ser. Tal experiência trouxe-me uma renovação energética, à medida que pude organizar as minhas ideias pelo registro visual.

Munido das concepções de desenho apresentadas, darei início ao capítulo 2 apresentando o meu referencial artístico, que se perfaz numa abordagem do universo de produções de Jean Dubuffet, Roberto Matta e Giorgio de Chirico, artistas que inspiram o meu processo criativo pela natureza de suas obras.

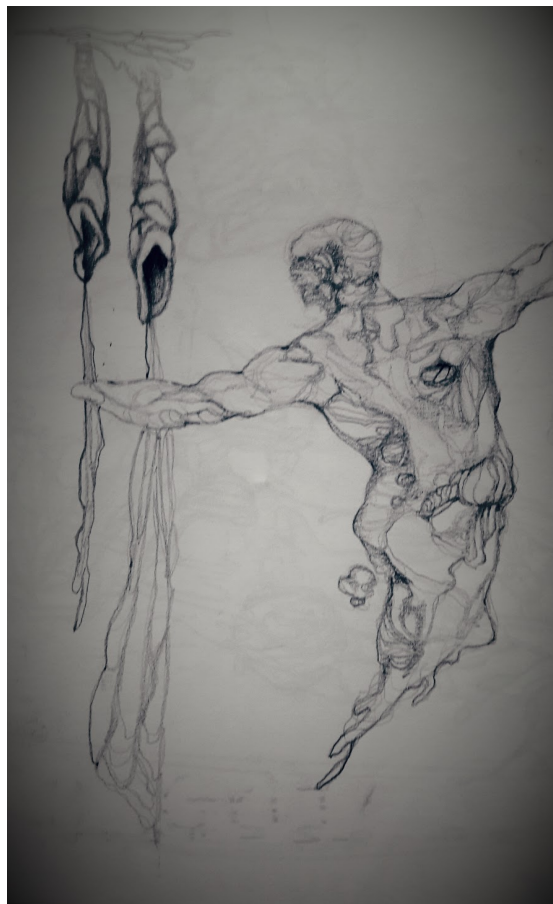


Figura 8 - Fontes
Lápis sobre papel
Thiago Dias

Capítulo 2 - Referencial artístico

Para Jean Dubuffet, a linguagem é matéria dúctil, plástica, impressionável, suscetível de transformações e corrupções. Dessa forma, Dubuffet questiona a atribuição espiritual ou racional empregada à ela, de forma que sua pesquisa é inteiramente linguística no sentido de destruir o mito da imunidade, da espiritualidade e incorruptibilidade da linguagem. Assim, aborda a materialidade de sua obra não de maneira direta, sentimental, visceral, mas segundo uma relação “cognitiva” estrutural. Ele pesquisa a matéria em seu “tecido” físico e fisiológico, numa perspectiva microscópica, até a constituição em imagem, considerada quase como uma matéria molecular de uma tecido mais amplo. (ARGAN,2016, p. 660)



Figura 9 - Lever de lune aux Fantômes. Óleo sobre tela. Jean Dubuffet.

Dubuffet afirma que a pintura é uma “linguagem muito mais rica que a das palavras (...) muito mais imediata que as palavras escritas e ao mesmo tempo bem

mais carregada de significação. Ela opera através de signos que não são abstratos e incorporais como as palavras.” Mais próximas aos próprios objetos, a pintura “manipula matérias que são, elas mesmas, substâncias vivas.” Como linguagem espontânea e mais direta que a das palavras, a pintura está “mais próxima do grito, ou da dança (...) e é por isto que a pintura é um meio de expressão de nossas vozes interiores muito mais eficaz.” (DUBUFFET, 1967, p. 97) Ela pode traduzir o pensamento em seus diversos estágios, até “os mais baixos níveis (nos quais o pensamento está próximo ao seu nascimento), os degraus subterrâneos dos jorros mentais.” (Idem, pp. 99-100)



Figura 10 - L'Hourloupe (1966). Jean Dubuffet. Tinta no papel - Galerie Jeanne Bucher, Paris

A série L'Hourloupe da Dubuffet começou em 1962 e motivou o artista por muitas décadas. A inspiração veio de um rabisco que ele criou enquanto estava ao telefone, no qual o movimento fluido da linha se combina com campos de cor limitados para criar movimento. Ele acreditava que o estilo evocava a maneira pela

qual os objetos aparecem na mente. Esse contraste entre a representação física e mental depois o encorajou a usar a abordagem para criar escultura.

Roberto Matta define um processo em que é preciso inventar uma forma para o que não se vê e que existe no mais profundo do Ser. Denominado por Matta de alucinação, tal processo permite a sua arte mostrar aquilo que se é e não se percebe. Além disso, Matta apresenta uma concepção espacial no seus trabalhos. Lembra ele que sempre teve fascínio pela capacidade da arquitetura de criar espaços numa ideia de mundo intangível, que pede por uma pintura que se traduz para ele num neologismo pictórico. Assim, os signos tornam-se pequenos seres monstruosos, entre o homem e a máquina e “atuam” na tela uma grotesca pantomima de ficção científica, cujo sentido profundo é a crítica, levada a paródia, da irracionalidade essencial da tecnologia moderna, em que a sociedade, sob à máscara da irracionalidade científica, expressa as pulsações confusas e negativas de seu inconsciente. (ARGAN, p. 534, 2016)



Figura 11 - Star, Flower, Personage and Stone. Autor - Roberto Matta. Técnica - Lápis de cor sobre papel

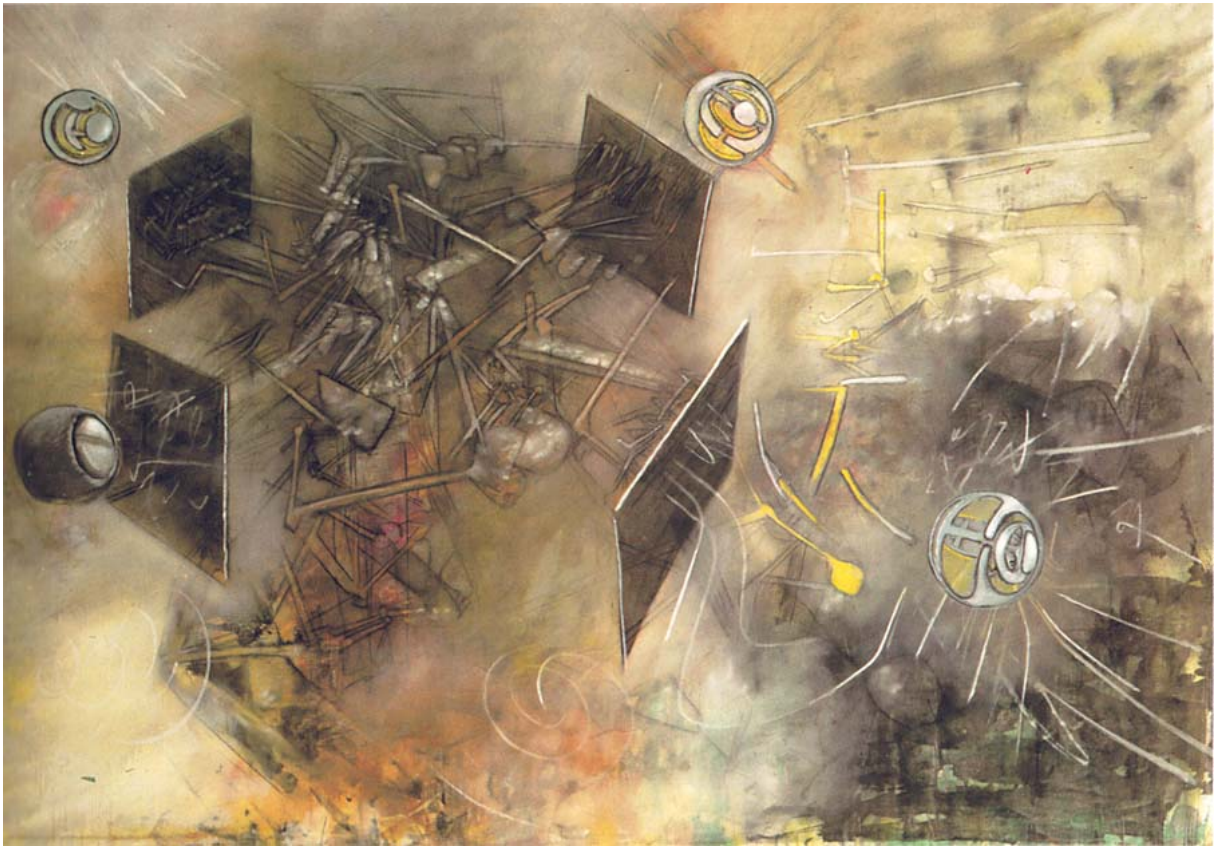


Figura 12 - Entre Cible Nous Mond. Autor - Roberto Matta. Pintura sobre tela.

Entre Cible Nous Monde foi produzida por Roberto Matta em meados dos anos 1950 e apresenta uma paisagem cósmica dominada por uma máquina fantástica. As imagens e o título da pintura (livremente traduzido como "Nossa Terra é um alvo") indicam a paranóia e o medo associados à era atômica, exacerbados pela Guerra Fria e pela Corrida Espacial. Esses temores foram intensificados pelo lançamento do satélite russo Sputnik em 1957.

Giorgio de Chirico (1888 - 1978) é o principal representante da pintura metafísica, marcada pela figuração estática, congelada, imersa num silêncio que se apalpa, numa espécie de negação da vida e do movimento, em nome de uma sublimação e de uma espécie de transubstanciação da matéria, de orgânica para inorgânica. Para Chirico "o valor do real de uma tal obra de arte estará em sua nova melodia, porque mais importante de tudo será sempre a nova coisa que o artista terá extraído do vazio, algo que antes não existia." (ARGAN, p. 660, 2016)



Figura 13 - La ricompense du dévin, 1913. Giorgio de Chirico.

Numa praça deserta e exposta ao sol, a estátua helenística de Arianna addormentata [Ariadne adormecida] repousa contra o fundo de um edifício em arcadas, enquanto outro arco, em primeiro plano, enquadra duas palmeiras distantes, enquanto um trem corre na linha do horizonte. A imagem não suscita problemas de reconhecimento.

No entanto, de Chirico realiza uma revolução mais radical. A pintura está imersa em uma atmosfera suspensa, estranha, inexplicável. “A obra de arte metafísica é, quanto ao aspecto, serena; dá a impressão de que algo novo deverá acontecer”, escreve o artista. (CHIRICO, 2008, p. 291) O ar carregado de presságios e expectativa que paira no quadro não nasce apenas de coisas vivas (figuras em movimento, vestígios da existência cotidiana), mas também da presença de formas evocativas e alusivas: o arco, por exemplo, é um círculo interrompido, incompleto e, como escreve de Chirico, encerra algo de misterioso, que ainda deverá cumprir-se. (Idem, 2008, p. 293)



Figura 14 - As musas Inquietantes. Giorgia de Chirico. Óleo sobre tela.

As figuras humanas, quando presentes, carregam consigo forte sentimento de solidão e silêncio. São meio-homens, meio-estátuas, vistos de costas ou de muito longe. Quase não é possível entrever rostos, apenas silhuetas e sombras, projetadas pelos corpos e construções. Os elementos arquitetônicos mobilizados nas composições - colunas, torres, praças, monumentos neoclássicos, chaminés de fábricas etc. - constroem, paradoxalmente, espaços vazios e misteriosos. (PINTURA METAFÍSICA, 2018)

A poética metafísica faz parte do meu universo de interesse no estudo do desenho. Pensar uma nova atmosfera que escape do campo dos sentidos, onde seja possível desenvolver formas estranhas à minha racionalidade, constitui um recurso temático proporcionado pela pintura metafísica. Com isso, inicio o capítulo 3 para apresentar o exercício de desenho com o qual construí a minha produção artística.

Capítulo 3 - Produção prática

Este capítulo abordará o processo de concepção e de criação de minha produção artística. Partindo da concepção trazida por Cecília Almeida Salles, do desenho como um mapa para se encontrar alguma coisa, começo a minha produção artística pelo papel em branco que representa o território a ser explorado.

O exercício de manipulação da linha começa com desenhos soltos, pequenos rabiscos feitos como o intuito de soltar o meu traço. Nesse exercício observo a pressão aplicada ao lápis para efetivar o risco, de modo que o aumento da pressão intensifica o risco, sendo o contrário também verdadeiro.

Em seguida, passo a demarcar linhas precisas sobre o papel na busca de organizá-las pelo espaço, procurando com isso uma composição de formas dispostas em equilíbrio. A busca compositiva passa pela tentativa de se criar uma atmosfera no desenho, detectada pelos espaços vazios em comunicação com as formas independentemente dispostas entre si. A suspensão dos corpos gera um equilíbrio estático na composição, representando o meu primeiro acesso ao imaginário, pois o contraste entre os planos positivos e negativos do desenho transfigura o surgimento de um cenário singelamente esboçado. Apresento a seguir duas imagens que exemplificam o procedimento explicado acima.



Figura 15 - Exercício de desenho 1. Caneta esferográfica sobre papel
Thiago Dias

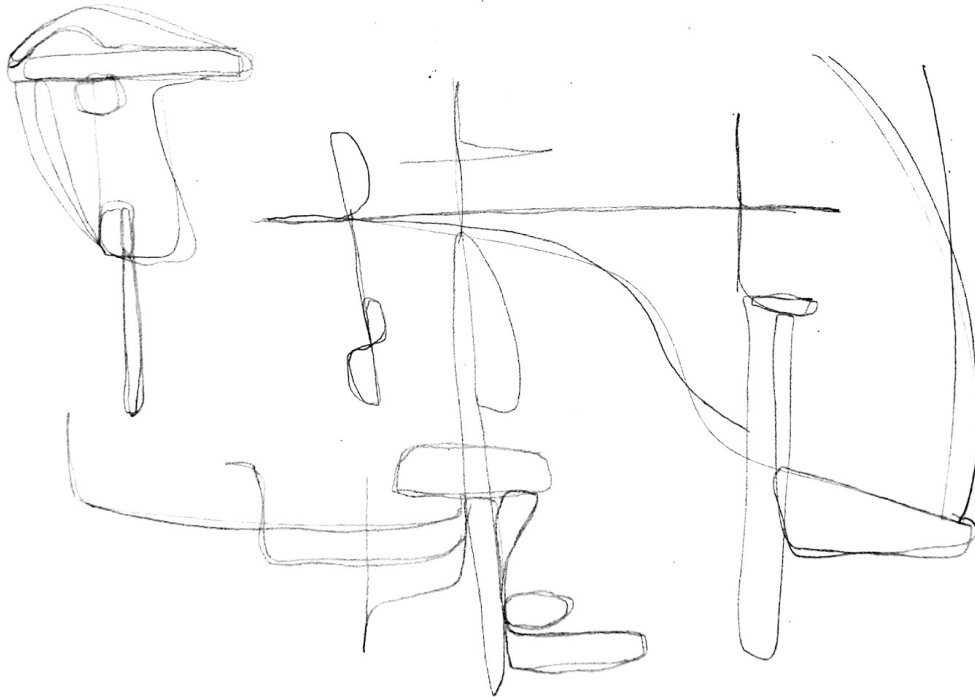


Figura 16 - Exercício 2. Técnica - marcador em papel
Thiago Dias

Numa tentativa de representar as minhas incursões interiores, manipulo a linha de forma fluida assim como fez Jean Dubuffet na criação da série L'Hourloupe. Nesta série Dubuffet desenha para registrar a sua mente. No meu desenho, uso as linhas para dar forma ao meu imaginário, tentando sincronizar o desejo de representação como a espontaneidade dos pensamentos.

Na obra *Star, Flower, Personage and Stone* de Roberto Matta, tanto a existência dos objetos distorcidos assim como a espacialidade presente no trabalho inspiram o meu fazer. Considero a minha temática advinda de uma natureza fantástica, onde o figurativo se mistura ao abstrato para compor uma imagem biomórfica. Com isso procuro desenvolver no desenho uma atmosfera misteriosa que se dá pela confusão de formas aglutinadas umas às outras.

A seguir apresento três imagens que constituem a minha produção prática atual, resultado dos aprendizados adquiridos durante a graduação juntamente com o meu foco de interesse no registro do imaginário.

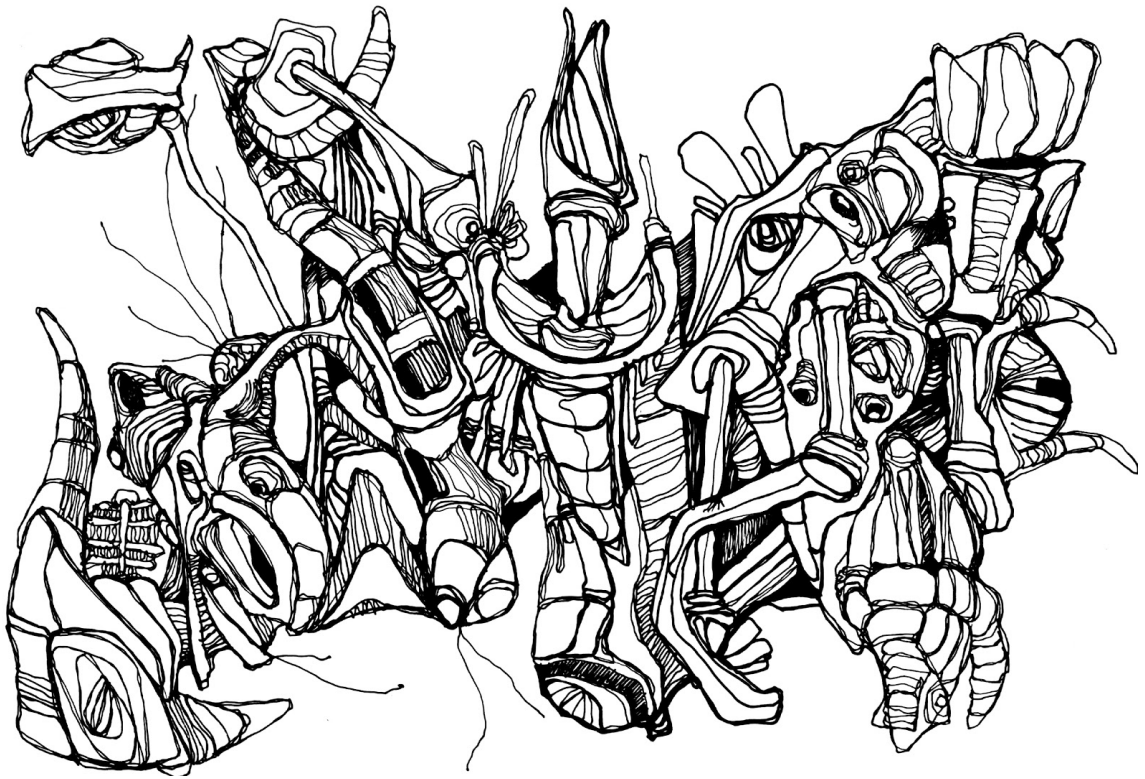


Figura 17 - Coisa imaginada 1. Caneta esferográfica sobre papel. Thiago Dias.

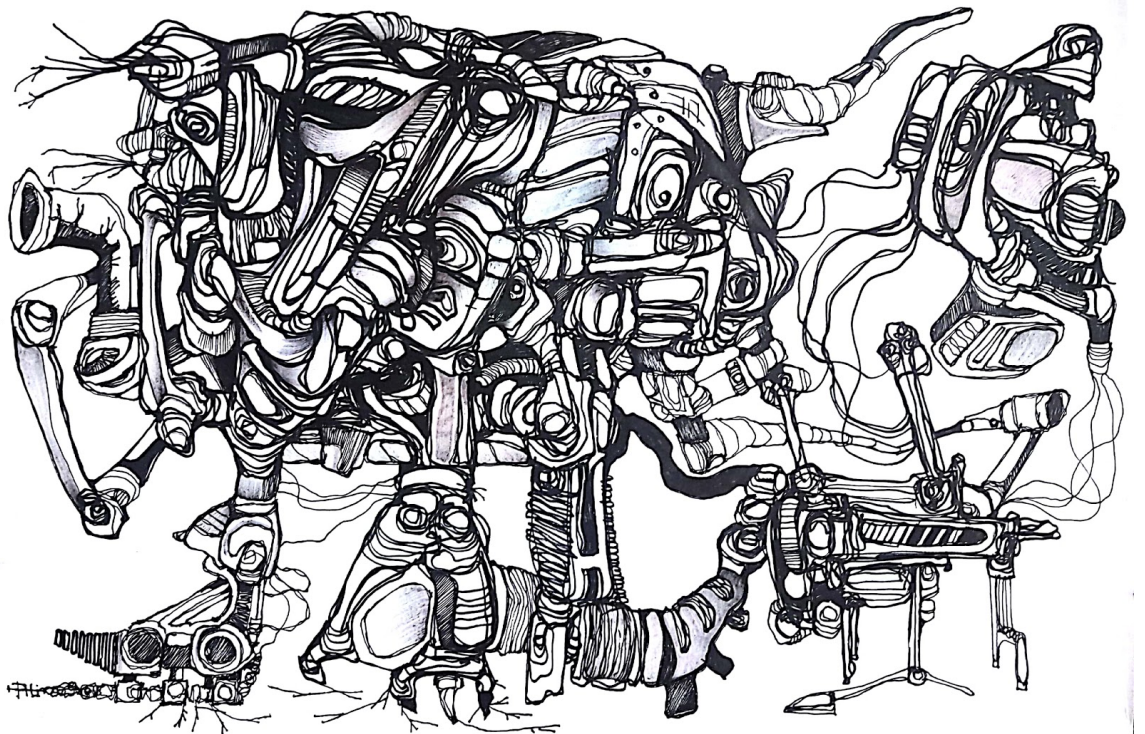


Figura 18 - Coisa imaginada 2. Caneta esferográfica sobre papel. Thiago Dias.

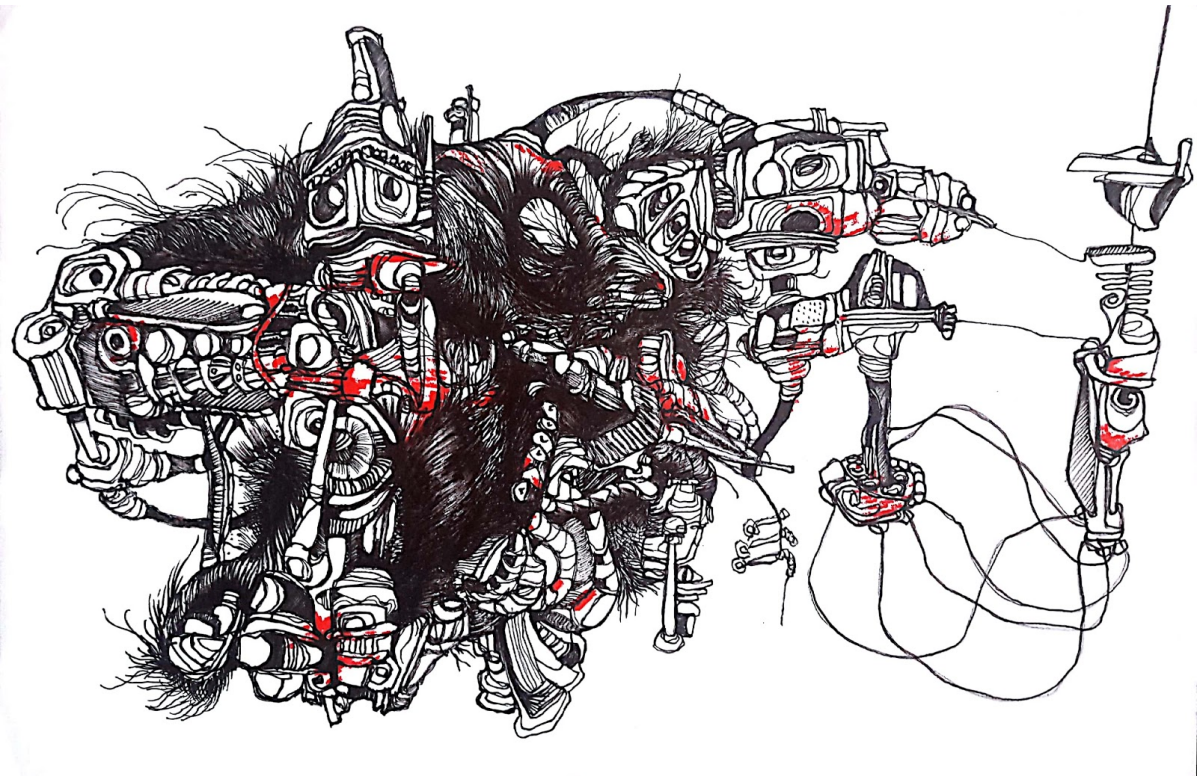


Figura 19 - coisa imaginada 3. Caneta esferográfica sobre papel. Thiago Dias.

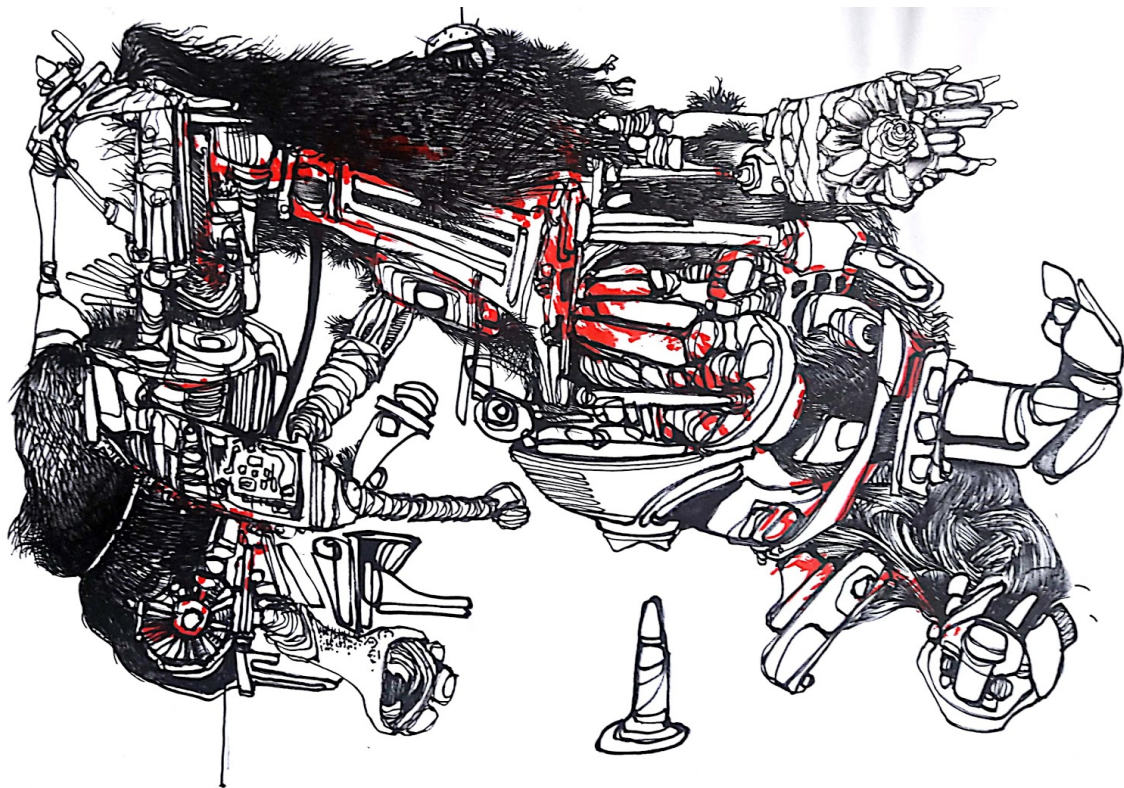


Figura 20 - coisa imaginada 4. Caneta esferográfica sobre papel. Thiago Dias.

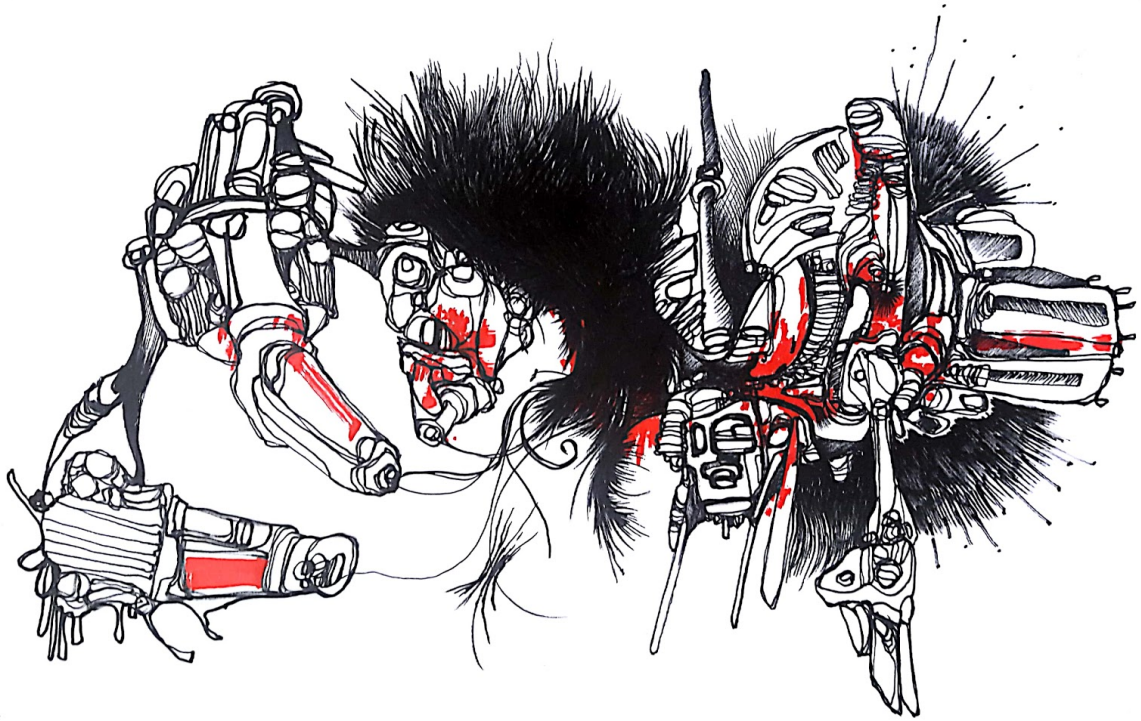


Figura 21 - coisa imaginada 5. Caneta esferográfica sobre papel. Thiago Dias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da minha trajetória de vida venho desenhando para aprimorar a minha capacidade de pensar. Iniciei copiando ilustrações de HQs, adquirido moldes para reproduzir corpos e objetos. Passei a estudar a Arte para ampliar as condições de otimizar tal prática de forma que alcancei resultados desejáveis. Considero que ampliei o meu leque de possibilidades de utilização da minha imaginação, criando formas que atendem ao meu desejo de representação. Pretendo continuar desenhando para adquirir mais capacitação técnica para assim melhorar o meu poder de expressão visual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

WOLFF, Francis. *Por trás do espetáculo: o poder das imagens*. In: NOVAES, **ADAUTO** (Org.). *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

SALLES, Cecília Almeida. *Desenhos de criação*. In: DERDYK, Edith (Org.) DERDYK, Edith. (org.) *Disegno. Desenho. Desígnio*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

BATTAGLINI, Arnaldo. *A fronteira como território*. In: DERDYK, Edith (Org.) DERDYK, Edith. (org.) *Disegno. Desenho. Desígnio*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

SOUZA, Gilda de Melo. *Exercícios de Leitura*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DE CHIRICO, Giorgio. *O sentimento da arquitetura obras da Fondazione Giorgio e Isa de Chirico / Maddalena d'Alfonso, Elena Pontiggia, Victoria Noel-Johnson*. – Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2011.

PINTURA Metafísica. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo890/pintura-metafisica>>. Acesso em: 29 de Jun. 2018. Verbete da Enciclopédia.

DUBUFFET, Jean. *Prospectus et tous écrits suivants*, tome I. Hubert Damisch (org.). Paris, Gallimard, 1967.

DEMPSEY, Amy. *Estilos, escolas e movimentos: guia enciclopédico da arte moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.